

Criança arteira, adulto artista: uma experiência em artes visuais com alunos da graduação no IFCE

Arteira child, artist adult: an experience in visual arts with graduate students at IFCE

Cássia Calandrini Ribeiro¹

1 <https://orcid.org/0000-0001-9819-2837>, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, cassiacalandrini@gmail.com

RESUMO

A oficina "Criança arteira, adulto artista" proporcionou a futuros professores de artes visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará uma vivência imersiva no brincar livre com materiais de arte. O objetivo era problematizar a formação docente, estimulando reflexões sobre suas práticas. Caracterizada como pesquisa em artes (Rey, 1996), com abordagem qualitativa e interpretativista, e pesquisa narrativa (Gil, 2019) baseada na observação-participante. A análise crítica, fundamentada na Abordagem Triangular de Barbosa (2010) e nos estudos de Ferraz e Fusari (2001, 2009), revelou que a exploração livre e a ausência de pressões formais impulsionaram a criatividade, promovendo uma ressignificação da arte como processo educativo. Os resultados confirmam a eficácia da oficina em provocar os discentes a repensar suas práticas pedagógicas na educação de artes para as infâncias, validando a intenção inicial de fomentar a reflexão sobre a formação docente.

Palavras-chave. Formação de Professores de Arte; Arte para as Infâncias; Experiência Estética; Abordagem Triangular.

ABSTRACT

The workshop "Playful Child, Artist Adult" offered future visual arts teachers at the Federal Institute of Education, Science, and Technology of Ceará an immersive experience in free play with art materials. The aim was to problematize teacher training, stimulating reflections on their practices. Characterized as arts-based research (Rey, 1996) with a qualitative and interpretive approach, and narrative research (Gil, 2019) based on participant observation, the study critically analyzed the experience. This analysis, grounded in Barbosa's Triangular Approach (2010) and the studies of Ferraz and Fusari (2001, 2009), revealed that free exploration and the absence of formal pressures boosted creativity, fostering a redefinition of art as an educational process. The results confirm the workshop's effectiveness in prompting students to rethink their pedagogical practices in art education for children, validating the initial intention to encourage reflection on teacher training.

Keywords. Art Teacher Training; Art for Childhoods; Aesthetic Experience; Triangular Approach.

1. INTRODUÇÃO

A oficina 'Criança arteira, adulto artista' emergiu de uma reflexão sobre a necessidade de ressignificar o ensino de artes visuais na educação básica. Essa ideia se consolidou a partir da análise de documentos oficiais, como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o DCRC (Documento Curricular Referencial do Ceará)

Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 6, n.1 p. 1-15, 2025.

<https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v6i1.8833>

e o DCRFor (Documento Curricular Referencial de Fortaleza), que regem a proposta educacional brasileira para o ensino de artes.

Ao abordar eixos como interações e brincadeiras, linguagens da arte e dimensões como criação, crítica, fruição, estética, expressão e reflexão, esses documentos suscitaram um questionamento fundamental: “Se o ensino de artes é obrigatório da educação infantil ao ensino médio, por que os estudos nos cursos de licenciatura se aplicam apenas ao ensino fundamental e médio?”. Além disso, a BNCC e autores como Ferraz e Fusari (2019) demonstram como o jogo e a brincadeira podem permear as linguagens visuais e as aulas de arte desde a infância, reforçando a urgência de uma proposta que considerasse essa historicidade no contexto das legislações brasileiras vigentes e da proposta pedagógica do curso de licenciatura em artes visuais do IFCE.

A escolha da turma de Didática Educacional para receber a proposta não foi ao acaso. Essa disciplina é fundamental na formação de futuros professores que atuarão na educação básica e no ensino informal de artes visuais. A experiência foi concebida para que os estudantes, já em sua perspectiva docente, vivenciassem uma proposta replicável em suas futuras turmas, focando em um espaço de proposição artística livre, rico em materiais riscantes e suportes diversos, a fim de possibilitar a criação, a imaginação, a brincadeira e a experiência prática no ensino de artes.

Disponibilizar uma ampla variedade de materiais riscantes e suportes para os estudantes da graduação foi uma escolha intencional. Por serem adultos com experiência prévia, a ideia era permitir total liberdade de escolha e expressão, criando a partir de suas preferências e desejos. Essa experiência imersiva em artes visuais, com materiais de fácil acesso e comuns na educação básica, teve um duplo objetivo: proporcionar aos futuros educadores o reconhecimento prático das possibilidades desses recursos e capacitá-los a refletir criticamente sobre a adaptação dessas propostas. Ou seja, ao vivenciarem a abundância de opções, eles estariam mais aptos a selecionar e organizar materiais de forma consciente em suas futuras práticas, considerando idade, contexto e intenções pedagógicas de suas turmas, evitando uma sobrecarga que poderia confundir crianças menores.

O espaço da oficina foi cuidadosamente preparado para convidar à experimentação e à livre criação. No chão, tecidos estampados delimitavam a área,

e uma ampla variedade de materiais foi disponibilizada: papéis (A4 e A3, brancos e coloridos), papelão, tintas (guache e aquarelável), canetinhas, lápis de cor, giz de cera e pastel, canetas diversas, colas (colorida, com glitter e branca), revistas, tesouras e massinha de modelar. Para criar um ambiente ainda mais provocador e inspirador, o tema da oficina, “Criança arteira, adulto artista”, foi projetado. Essa escolha visava estimular a reflexão e a produção, mesmo que os participantes não compreendessem de imediato o conceito de “brincar livre”, incentivando-os a criar a partir de seus próprios interesses. Poemas musicados de Manoel de Barros, interpretados pelo grupo Crianceiras, tocavam ao fundo, imergindo os presentes em um cenário propício à sensibilidade e à criação.

A oficina começou com um momento de imersão e exploração livre dos materiais pelos estudantes. Essa fase inicial permitiu a conexão com os recursos e a vazão da criatividade. Conforme as produções eram concluídas, eram expostas na sala, transformando o ambiente em uma galeria em progresso. Após esse período de criação e um breve intervalo, o foco mudou para a sustentação teórica da proposta.

Nesse segundo momento, foi apresentada a base conceitual da oficina, destacando a fundamentação teórica da experiência vivenciada. O referencial teórico incluiu Ostrower (2014), sobre o potencial criador inato; Dewey (2010), com sua abordagem da experiência como autossuficiente; Bonaccini (2023), que ressalta como as linguagens expressivas nutrem a criatividade; e Morelli (2023), que oferece caminhos para escolhas assertivas e para o desenvolvimento da criatividade. Essa explanação visou articular a vivência prática com as relações teóricas, conectando as infâncias e as práticas pedagógicas orientadas pelo professor de artes.

2. MÉTODO

Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa em artes, conforme delineado por Rey (1996), adotando uma abordagem qualitativa para explorar profundamente a experiência vivida. Tal abordagem se justifica pelo enfoque interpretativista e o estudo da experiência (Gil, 2019, p.7), configurando-se como uma pesquisa narrativa (Gil, 2019) que analisa a prática docente e a proposta de

brincar livre em artes visuais como caminho para a formação de futuros professores da educação básica.

A coleta de dados ocorreu por meio da observação-participante ativa desta professora-artista-pesquisadora. Nesse processo, como descrito por Marconi e Lakatos (2017, p.210), a imersão na comunidade ou grupo permitiu uma compreensão aprofundada das dinâmicas e interações na oficina. Além da observação, os dados foram complementados por:

- **Falas livres dos participantes:** um momento ao final da oficina em que os estudantes puderam expressar suas percepções e sentimentos sobre a experiência.

- **Formulário semiestruturado (Google forms):** Adotou-se um instrumento com perguntas previamente estruturadas que, embora não seja uma entrevista individual, alinha-se ao princípio de instrumentos formalizados descritos por Marconi e Lakatos (2017, p. 213) ao prever um roteiro estabelecido com perguntas previamente determinadas. Essa escolha se deu pela limitação de tempo disponível para a coleta, permitindo o registro ágil e instantâneo das reflexões dos participantes, garantindo uma coleta padronizada.

Este formulário apresentava três questões abertas e discursivas, visando a livre expressão e a riqueza de detalhes das narrativas dos participantes sobre a experiência, foram elas:

- Descreva o que achou da experiência.
- Descreva como a temática/experiência apresentada pode ser relevante para sua formação/prática docente.
- Deixe sua avaliação, crítica ou sugestão sobre a oficina.

A reflexão crítica desta professora-artista-pesquisadora sobre a totalidade da experiência — da concepção da oficina à análise das interações e produções — constituiu um pilar fundamental na construção dos resultados. Essa análise foi fundamentada na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010) e nos estudos de Ferraz e Fusari (2001, 2009), que abordam a formação de professores como essencial para o ensino de arte na educação escolar e para o desenvolvimento de crianças e jovens apreciadores, produtores e críticos de arte.

É crucial ressaltar que a intenção central não era a transmissão de um conteúdo específico ou o ensino de uma técnica predefinida. Pelo contrário, o

objetivo primordial foi proporcionar aos discentes uma vivência imersiva que os impulsionasse à reflexão sobre suas futuras práticas docentes. Buscou-se que, a partir dessa experiência, eles pudessem reconhecer e adaptar estratégias para aplicar no cotidiano escolar, de forma sensível e contextualizada, especialmente no trabalho com as infâncias, confirmando a intenção inicial de provocar essa reflexão sobre a prática pedagógica na educação para as infâncias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o propósito de instigar a reflexão sobre o papel do educador em artes, a oficina “Criança arteira, adulto artista” foi minuciosamente preparada. Envolvidos pelos materiais dispostos, pela temática provocadora e pela atmosfera criada com a poesia musicada de Manoel de Barros, a turma vivenciou a proposta com evidente interesse e criatividade. A importância das condições de ambiente, espaço e tempo para o ensino de artes é corroborada por Ferraz e Fusari (2009, p .156), que afirmam:

Em se tratando de atividades direcionadas ao processo criador e imaginativo por excelência, é importante que o espaço no qual se processe tais atividades seja estimulante, instigante e motivador. Com relação ao tempo, espera-se que atenda as necessidades de um trabalho que se move tanto pela cognição como também pela percepção, sensação e emoção, que varia de indivíduo para indivíduo e que é difícil de mensurar.

Inicialmente, após um momento de livre exploração dos materiais (figura 1), os estudantes foram convidados a expressar suas percepções e sentimentos sobre a experiência. Observou-se que a turma, de modo geral, demonstrou satisfação com a proposta de ateliê livre, valorizando a ausência de uma “obrigatoriedade de produzir algo” e a liberdade de utilizar os materiais por afinidade, desejo ou curiosidade. É importante destacar que alguns participantes relataram não ter compreendido a proposta de imediato, esperando uma atividade estruturada. Contudo, ao observarem a imersão de seus colegas nas produções individuais, perceberam que o convite era para “brincar” e explorar a criatividade e a imaginação. Essa compreensão os levou a experimentar diferentes materiais e a resgatar memórias da própria infância como ponto de partida para suas criações.

Exemplos dessas vivências individuais foram evidentes. A discente A, ao ver a massinha de modelar, recordou-se de sua infância e do prazer em “brincar e modelar”, e dali partiu para sua produção, modelando e, posteriormente, registrando sua criação com desenho e pintura. A discente B optou por uma abordagem nova, realizando sua primeira colagem: recortou imagens, experimentou composições, escreveu, amassou, pintou e desenhouna sobre sua obra. Até mesmo quem chegou no final da proposta, ao observar a disposição dos materiais, interessou-se prontamente e pediu para participar. Enquanto o grupo já imerso na produção teórica assistia à explanação da bibliografia indicada, esses recém-chegados também se aprofundavam em suas criações individuais.

Figura 1 - estudantes na oficina "criança arteira, adulto artista". Foto da autora - agosto 2024.



Durante o momento de discussão livre, a professora da disciplina levantou um questionamento pertinente que ecoa as reflexões deste artigo: “Até onde a técnica é importante, se partirmos apenas da produção livre e espontânea? Quando a técnica entraria, só a partir do interesse da pessoa em aprofundar o conhecimento?”. Ela exemplificou sua questão ao mencionar que, apesar de saber desenhar, em sua produção “é perceptível que não há técnica, é um desenho

infantil”. Sobre a ampliação de repertório e o surgimento das técnicas a partir da exploração, Ferraz e Fusari (2009, p. 181) destacam:

Quando se trata da produção artística pessoal das crianças, da mesma maneira que vimos nas experiências sensoriais, o importante é possibilitar aos alunos o maior número de contatos e descobertas. Se pretendemos que os estudantes encontrem caminhos para desenvolver suas expressões próprias, devemos ficar atentos para que o convívio com os materiais se faça de forma diversificada, desafiadora e permitindo intervenções.

Em resposta, a estudante C, que sempre desenhou, compartilhou sua trajetória: seu interesse foi estimulado desde cedo pela mãe, que lhe comprava materiais e revistas em quadrinhos. Ela afirmou que, se sua busca por conhecimento tivesse sido imposta por obrigatoriedade, não teria desenvolvido a paixão e o aprofundamento em técnicas de desenho e pintura que hoje possui, aprimorando o que antes considerava “traços infantis” (referindo-se à ausência de técnica formal). A estudante C concluiu sua fala com uma distinção marcante: “aquilo que eu faço por encomenda, eu não considero arte, é um produto, algo que fiz a partir de um interesse individual, mas o que eu faço, que parte de mim, isso sim eu considero arte!”.

Essa fala ilustra de forma contundente a defesa deste trabalho sobre a importância de incentivar a imaginação e a criatividade desde a infância, pois é a partir dessa liberdade e do prazer intrínseco pela criação que o potencial artístico é verdadeiramente alcançado e a busca por aprimoramento técnico surge de forma orgânica e significativa. Nesse sentido, Fusari e Ferraz (2001, p. 53) destacam o papel crucial do docente em guiar esse processo:

O professor de arte precisa saber o alcance de sua ação profissional, ou seja, saber que pode concorrer para que seus alunos também elaborem uma cultura estética e artística que expresse com clareza a sua vida na sociedade. O professor de arte é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador, ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos.

A partir da valiosa discussão levantada pela estudante C e pela professora, a estudante D acrescentou uma reflexão fundamental: para ela, o papel do professor transcende a mera oferta de materiais, orientando a criança para uma compreensão mais ampla da arte e apresentando novas possibilidades. Essa perspectiva da estudante D se alinha à Abordagem Triangular, sistematizada por

Ana Mae Barbosa (2010). Essa metodologia de ensino da arte propõe o entrelaçamento de três eixos complementares:

1. **Fazer Artístico:** A produção, a criação e a experimentação com materiais e linguagens.
2. **Apreciação ou Leitura da Obra de Arte:** O ato de "ver" e "ler" a imagem, a fruição e a reflexão sobre o que foi produzido (tanto pelas crianças/alunos quanto por artistas).
3. **Contextualização:** A compreensão da obra de arte (própria ou de outros) dentro de seu contexto histórico, social, político e cultural.

Com base na vivência imersiva da oficina proposta, os discentes (assim como as crianças em um contexto escolar) foram convidados, em um primeiro momento, ao fazer artístico livre, amplamente proporcionado pela oficina. Posteriormente, por meio da reflexão sobre suas produções — o que sentiram, o que utilizaram, quais foram suas ideias e desejos para a utilização dos materiais e as produções finais —, eles foram conduzidos à fruição e reflexão sobre a própria obra. Essa abordagem é brilhante, pois permite argumentar que a liberdade inicial do “fazer” leva naturalmente à necessidade de “fruir” (refletir sobre a própria produção e a dos colegas) e de “contextualizar” (entender o que foi feito dentro de um universo mais amplo da arte e da sociedade), respondendo diretamente à questão sobre “quando entraria a técnica” ou o aprofundamento. Para enriquecer essa contextualização em sala de aula, o professor pode apresentar, por exemplo, obras e artistas contemporâneos que utilizem materiais e suportes semelhantes aos explorados na oficina, mostrando as múltiplas possibilidades da arte para além do ambiente de produção imediata. Corroborando esse pensamento, Fusari e Ferraz (2001, p. 60) afirmam que:

É importante que os cursos de Arte sejam pensados também pelos caminhos de uma educação estética, a qual deverá articular-se com esse "fazer", partindo do contexto da percepção, do uso, conhecimento, apreciação e crítica artística. A educação estética irá contribuir para a ampliação das habilidades já existentes, estabelecendo no processo educacional a ponte entre o fazer e o refletir (pensar).

Para complementar as observações das discussões livres e aprofundar a compreensão sobre a experiência, um questionário online foi disponibilizado aos discentes. A primeira pergunta pedia que eles descrevessem o que acharam da vivência da oficina. A análise das respostas a este quesito revelou se a

intencionalidade da proposta – de provocar e seduzir esteticamente, incentivando a criação a partir do desejo e da liberdade, em vez da obrigação – foi, de fato, alcançada.

As percepções coletadas indicam que o ambiente, a diversidade de materiais e o convite implícito à livre exploração foram elementos-chave para o engajamento. Muitos participantes expressaram satisfação, utilizando termos como “muito gratificante, confortável”, “uma ótima experiência” e “muito boa que exercita a criatividade”. A liberdade foi um ponto recorrente, destacando a “expressão sem pressões ou quaisquer outros tipos de cobrança”. Observou-se, ainda, a percepção de uma “importante experiência para o desenvolvimento de uma criatividade de modo dinâmico” e uma atividade “envolvente e reflexiva na condução”. Tais relatos encontram ressonância na compreensão de Duarte Jr. (1988, p. 91) sobre a experiência estética, um momento de suspensão do cotidiano:

Na experiência estética "o cotidiano é colocado entre parênteses e suspenso. Suas regras são abolidas. Por um momento o princípio do prazer coloca diante de nós a sua criação, que nos envolve carinhosamente. O mundo real parou. Desfez-se. Do seu ventre estéril surge uma nova realidade com que nos embriagamos misticamente", esta é a experiência estética: uma suspensão provisória da causalidade do mundo, das relações conceituais que nossa linguagem forja. Ela se dá com a percepção global de um universo do qual fazemos parte e com o qual estamos em relação.

Particularmente relevante para a proposta foi a percepção sobre os materiais, como em um relato que mencionou “a musicalidade infantil no ambiente e a infinidade de materiais que não uso desde a infância, aventurei-me de volta ao início da minha infância, quando eu pintava e desenhava com giz de cera. Isso me trouxe aquela despreocupação sobre o que desenhar, permitindo que a diversão reinasse naquele momento”. Essa fala, ao resgatar a experiência com materiais da infância e a despreocupação associada, demonstra a assertividade da oficina em proporcionar uma vivência que pudesse ser transposta para a realidade da educação básica.

É importante ressaltar que, embora a maioria das respostas tenha sido positiva e alinhada à intenção, houve também uma percepção divergente, como a que descreveu a experiência como “bem monótona. A temperatura fria da sala e a música infantil tocando de fundo me deram sono. Tive contato novamente com muitos materiais os quais eu só usava no infantil como as canetas hidrográficas.

Portanto, me senti uma criança com sono”. Essa resposta, embora minoritária,

aponta para a subjetividade da experiência individual e a complexidade de se criar um ambiente que ressoe de forma unânime com todos os participantes.

Ainda pensando na formação do futuro professor da educação básica, objetivo da licenciatura em Artes Visuais do IFCE, buscou-se aprofundar as respostas dos discentes sobre a oficina, trazendo para a discussão uma reflexão sobre a formação docente e a prática pedagógica em artes visuais.

Ao analisar as respostas dos discentes (futuros professores da educação básica), ficou claro que a liberdade de expressão e a proposição de materiais foram fundamentais para o processo criativo. Como destacou um dos discentes, “Acredito que ela estimula muito a criatividade e trabalha o fazer livre”, demonstrando que a oficina proporcionou uma experiência autêntica e significativa.

Além disso, muitos discentes destacaram a importância de associar a prática docente à possibilidade de realizar atividades semelhantes com seus futuros alunos, como afirmou outro discente: “Irei usar com certeza em sala de aula”. Isso demonstra que a oficina não apenas estimulou a criatividade dos discentes, mas também os inspirou a criar experiências significativas para seus futuros alunos. Essa percepção alinha-se ao pensamento de Rubem Alves, citado por Duarte Júnior (1988), que destaca que “aprender significa armazenar uma experiência, comprovada como eficaz, para sua utilização futura” (p. 27). Por essa razão, torna-se essencial compreender que:

Não é correto separar o conhecimento objetivo das emoções e dos valores. Ao contrário. A relação entre eles é dialética. (...) O verdadeiro conhecimento objetivo brota de uma atitude valorativa e emotiva, e pretende ser uma ferramenta para que o homem integre eficazmente o referido objeto no seu projeto de dominar o mundo (DUARTE JÚNIOR, 1988, p. 29).

Essa fundamentação teórica se manifesta quando alguns discentes mencionaram que a oficina os ajudou a pensar numa aproximação com os alunos e a entender melhor como eles se expressam e usam a criatividade, afirmando: “No momento que eu me coloco na posição do aluno, eu entendo ele melhor, ou seja, consigo validar a sua despreocupação com o que desenhar, e valido o seu desejo de fazer por fazer, e consigo otimizar isto”. Destacou-se, assim, a importância de se colocar na posição do aluno, como mencionado por um discente: “Na perspectiva crítica e prática”, e, ainda: “Uma forma prática em linguagem artística, nas possibilidades e objetivos para licenciatura em artes”.

No entanto, nem todas as respostas foram positivas. Um dos discentes mencionou que a oficina poderia ter sido melhor se o ar-condicionado “estivesse mais confortável”, chegando a dizer: “Não quero ser professor, mas se um dia eu tiver que repetir essa experiência por sei lá qual motivo, vou lembrar de aumentar a temperatura do ar-condicionado pelo menos”. Embora isso possa parecer um detalhe menor, é importante considerar que as condições físicas da oficina podem afetar a experiência dos participantes, algo que os futuros professores de arte precisam ter em mente ao planejar suas aulas.

A última questão do formulário pedia uma avaliação, crítica ou sugestão sobre a oficina. As respostas dos discentes revelaram reflexões importantes sobre a oficina e sua relação com a prática docente. Uma das discentes, por exemplo, destacou a importância de considerar a afinidade com os materiais e as crianças, afirmando: “Faria em etapas usando primeiro um material e, em seguida, outros”. Essa resposta demonstra que a discente refletiu sobre a necessidade de adaptar a abordagem pedagógica às necessidades infantis, considerando a forma como as crianças interagem com os materiais e o espaço.

A ideia de que a proposta pode ser amplamente utilizada em diversos contextos da educação básica é confirmada pela discente: “Vejo a atividade como enriquecedora, ela pode levantar várias discussões e colaborar com o uso da criatividade”, abrindo possibilidades de discussão e utilização, por exemplo, da Abordagem Triangular (AT), como já explicitado.

Confirmamos, ainda, que a oficina permitiu à discente experimentar novas formas de expressão artística, reconhecendo a diversidade de linguagens e formas de expressão dentro das artes visuais. Isso é confirmado pela seguinte fala (figura 2): “Pessoalmente, eu adorei a oficina. Ela permitiu que eu me expressasse de uma maneira diferente da que normalmente me expresso através das Artes”. Essa experiência não apenas enriqueceu o repertório da discente, mas também destacou a importância da experiência prática na formação de futuros docentes.

Figura 2 – estudante explorando livremente materiais e sua produção final. Fotomontagem da autora para esta apresentação – agosto 2024



Além disso, a prática docente e o ensino de arte são confirmados pela seguinte fala do discente: “Sendo uma forma bastante criativa, mas que representa e desenvolve um objetivo no ensino com arte”. Isso demonstra que a oficina é uma abordagem inovadora para o ensino de arte na educação básica, enfatizando a produção artística de forma livre e expressiva, mas sem ignorar conceitos e metodologias para o ensino de arte.

Por fim, a frase “Muito rica a experiência fazendo o futuro professor perceber que é sujeito e ator do processo criativo” resume a essência da oficina, confirmando que a experiência foi fundamental para a formação docente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina foi um sucesso, alcançando seu objetivo de proporcionar uma experiência criativa e enriquecedora para os participantes. As respostas indicam que a proposta foi coerente e pode ser utilizada em outras situações, demonstrando sua eficácia em promover a criatividade e a expressão artística, proporcionando experiências diversas e únicas para cada participante.

A inclusão das falas dos discentes oferece evidências concretas de como a oficina foi eficaz em promover a reflexão e a discussão sobre a prática docente e a

relação professor-aluno. Além disso, as falas dos discentes ilustram pontos importantes e tornam a análise mais rica e detalhada.

A ausência de um roteiro predefinido para a produção parece ter sido um fator determinante, permitindo que a criatividade fluísse de modo orgânico, sem a pressão de um resultado esperado ou a busca por uma técnica específica. Isso demonstra que a “sedução estética” planejada na concepção da oficina realmente estimulou a exploração e a produção pautadas no interesse genuíno dos participantes.

Uma das discentes destacou a importância de considerar a afinidade e as necessidades das crianças ao selecionar materiais e propor atividades, sugerindo que faria em etapas, começando com um material e depois introduzindo outros. Isso demonstra uma reflexão importante sobre a prática docente, considerando as diferenças entre adultos e crianças em termos de repertório e habilidades. Ao pensar em materiais e espaço de forma mais significativa e adaptada às necessidades infantis, os professores podem criar experiências mais ricas e eficazes para os alunos.

Para além da proposta enquanto educador, a vivência proporcionou uma visão ampliada tanto do processo criativo quanto da perspectiva de futuros docentes. Ao se colocarem numa relação dialógica com seus estudantes, os (futuros) professores puderam experimentar e enriquecer as possíveis relações de ensino-aprendizagem.

Nesse momento, fica claro que o grupo compreendeu que, ao vivenciar a oficina numa produção individual e livre, explorando materiais e possibilidades, ampliaram seu repertório pessoal e perceberam a importância de também oferecer situações de aprendizagem com riqueza estética e intencionalidade de materiais. Em resumo, a oficina proporcionou uma experiência valiosa para os discentes, permitindo que eles desenvolvessem habilidades práticas e reflexivas para sua futura carreira docente.

5. REFERÊNCIAS

BONACCI, Sabrina. **Ateliê aberto**. São Paulo: Ateliê Centro de Pesquisa e Documentação Pedagógica, 2023.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 07 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <<https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental**. Fortaleza: SEDUC, 2019.

CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental**. Fortaleza: SEDUC, 2019.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2009.

FORTALEZA. Secretaria Municipal da Educação. **Proposta curricular para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2016.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MORELLI, Ugo. **Mente e beleza: arte, criatividade e inovação**. Turim: Allemandi, 2023.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOBRE OS AUTORES

Autor 1. Mestranda em Artes Visuais para as Infâncias. Pós-graduanda em Pesquisa Autobiográfica pela UVA. Pós-Graduada em Gestão pela Prominas; Educação Infantil e Alfabetização pelo IDJ. Graduada em Pedagogia pela UECE.

PARA CITAR ESTE ARTIGO:

RIBEIRO, C. C. . Criança arteira, adulto artista: uma experiência em artes visuais com alunos da graduação no IFCE. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2025. DOI: 10.18227/2675-3294repi.v6i1.8833.

Submetido em: 30/09/2025

Revisões requeridas em: 15/10/2025

Aprovado em: 30/10/2025